

# Vínculos de humanidade para combater a aporofobia

## *Bonds of humanity to combat aporophobia*

Lúcia Pedrosa-Pádua  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) - Brasil

### Resumo

O presente artigo trata o tema da aporofobia enquanto realidade dramática e universal de rejeição aos pobres. A perspectiva é a afirmação da lógica de construção de vínculos que faça frente à lógica aporófica de descartar. A reflexão inicia com a apresentação do termo e da importância que ele vem adquirindo. Em seguida, apresenta alguns aspectos do pensamento de A. Cortina: a necessidade de nomear a rejeição aos pobres para visibilizar, denunciar e provocar mudanças numa dinâmica social injusta; o poder destrutivo do discurso de ódio; a necessidade permanente dos discursos, instituições e educação inclusivas; a abertura e a compaixão. Ao fim, articula o tema com o pensamento do papa Francisco, para quem a opção pelos pobres é forma de viver uma nova humanidade. Uma espiritualidade que constrói vínculos a partir da opção pelos pobres é uma forma de combater a aporofobia.

### Palavras-chave

Aporofobia.  
Opção pelos pobres.  
Espiritualidade.  
Adela Cortina.  
Papa Francisco.

### Abstract

This article focuses on the problem of aporophobia as a dramatic and universal reality of rejection of the poor. The perspective is the affirmation of the logic of building bonds with the poor, to face the aporophobic logic of eliminating them. The reflection begins with the presentation of the term and the importance that it has acquired. Next, it presents some aspects of A. Cortina's thinking: the need to name rejection to the poor to make visible, denounce and provoke change in an unfair social dynamic; the destructive power of hate speech; the permanent need of inclusive discourses, institutions and education; openness and compassion. In the end, it articulates the theme with the thought of Pope Francis, for whom the option for poor people is a way of living a new humanity. A spirituality that builds bonds from the option for poor people is a way to combat aporophobia.

### Keywords

Aporophobia.  
Option for poor people.  
Spirituality.  
Adela Cortina.  
Pope Francis.

## Introdução

O presente artigo deseja contribuir com o convite do papa Francisco de redescobrir “quanto vale um ser humano” (FRANCISCO, FT n. 106)<sup>1</sup>, num mundo de privilégios de alguns e descarte de outros. Para isso, visita o tema da aporofobia enquanto realidade dramática e universal de rejeição aos pobres, recém nomeada pela filósofa espanhola Adela Cortina. A perspectiva é a afirmação da lógica de construção de vínculos com os pobres, que faça frente à lógica aporófoba de rejeição e ódio aos mesmos. A reflexão inicia com a apresentação do termo e da importância que ele vem adquirindo no Brasil através da ação profética do Pe. Júlio Lancellotti junto aos moradores de rua. Em seguida, apresenta alguns aspectos do pensamento de A. Cortina: a necessidade de nomear a aversão aos pobres para visibilizar, denunciar e provocar mudanças numa dinâmica social injusta; o poder destrutivo dos discursos de ódio sobre a sua vítima; a necessidade permanente de discursos, instituições e educação inclusivas; as atitudes éticas da abertura e compaixão como essenciais para o combate à aporofobia. Ao fim, articula o tema com o pensamento do papa Francisco, segundo o qual a construção de vínculos com os pobres - vínculos afetivos e estruturais - é ponto de partida para a vivência de uma nova e evangélica humanidade.

## Uma palavra nova para uma antiga dinâmica marginalizadora

O neologismo “aporofobia” vem sendo cada vez mais conhecido no contexto brasileiro. Infelizmente, pela realidade dramática e anti-evangélica que representa: a aversão pelos pobres. Adela Cortina, filósofa espanhola que cunhou a expressão, nos diz que o termo corresponde a uma realidade cotidiana e reconhecível. Impressionam suas palavras sobre a universalidade do fenômeno por ela nomeado:

---

<sup>1</sup> Neste artigo, os documentos do papa Francisco serão citados no corpo do texto segundo as abreviaturas convencionais: Fratelli tutti = FT; Laudato si' = LS; Querida Amazônia = QA; Gaudete et exsultate = GeE. À abreviatura segue-se o número do texto referido. Desta forma, o/a leitor/a pode consultar o documento em qualquer edição ou idioma.

(...) quando falo sobre a aporofobia em uma conferência ou palestra, de um ou outro lado do Atlântico, os ouvintes, jovens ou mais idosos, sorriem e assentem com absoluta cumplicidade como a dizer: “Sim, é verdade, isso é o que nos acontece na vida diária” (CORTINA, 2018, p. 26, T.A.).

Para formar a palavra, Adela Cortina buscou o termo grego *áporos*, que significa o pobre, aquele que não tem recursos, e o uniu a “fobia”, que designa rechaço, aversão, desprezo, hostilidade, repugnância, temor ou mesmo ódio (CORTINA, 2018, p. 22-24). Unidos formou-se “aporofobia”, em analogia a xenofobia e outros.

O livro que trata diretamente sobre o tema é intitulado *Aporofobia, el rechazo al pobre*, de 2017. Mas a filósofa, professora e jornalista espanhola, utilizou o termo em seus escritos desde 1995 (CORTINA, 2018, p. 22). Atualmente, a palavra “aporofobia” consta do *Diccionario de la lengua española*, versão on line, da Real Academia Española. No Brasil, o livro foi traduzido à língua portuguesa (CORTINA, 2020) e a palavra inaugurou o portal *Novas Palavras*, da Academia Brasileira de Letras, em 2020, com a seguinte definição:

Repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos; hostilidade para com pessoas em situação de pobreza ou miséria. [Do grego á-poros, ‘pobre, desamparado, sem recursos’ + -fobia.] (ABL, on line).

No âmbito da teologia e da pastoral, na realidade brasileira, o tema vai entrando no terreno da reflexão, já arado pela sensibilidade da caminhada eclesial, das conferências episcopais e da teologia latino-americanas. Rapidamente chamou a atenção da área como uma realidade que desafia a vivência cristã: “nomeando essa realidade podemos torná-la presente no agir cristão, conhecer suas causas para enfrentá-las” (GASDA, 2018, on line). O Instituto Humanitas, da Unisinos, sempre alerta, apressou-se em traduzir artigo do padre italiano Luciano Cantini, sobre a utilidade e atualidade do termo para desmascarar as consciências e trabalhar “sobre o próprio coração e os próprios sentimentos” (CANTINI, 2018, on line). Algumas contribuições teológicas colocaram a realidade da aporofobia diante da opção pelos pobres e da crise migratória, enquanto perspectiva desafiadora de novos

discernimentos que façam frente à discriminação e ao descarte (PEDROSA-PÁDUA, 2019 e 2020<sup>2</sup>). O vocábulo, como substantivo e como adjetivo, vai sendo incorporado à linguagem (MOL GUIMARÃES, 2021, p. 11). Recente Documento de Estudo da CNBB menciona a aporofobia enquanto reação diante da situação de pobreza e dos pobres (CNBB, 2021, n. 84) e provoca sistematizações pastorais (WISNIEWSKI, 2022).

A expansão e a popularização do termo, como expressão de uma realidade a ser combatida, no entanto, vieram através da ação de denúncia sistemática da aporofobia nos espaços urbanos, realizada pelo Pe. Júlio Lancellotti. Este sacerdote, profeta do nosso tempo, é um trabalhador incansável em favor das populações de rua. Coordenador da Pastoral do Povo da Rua na cidade de São Paulo, é referência nacional na defesa dos Direitos Humanos, permanecendo fiel servidor das populações marginalizadas há décadas. Durante a pandemia do novo Corona vírus, com o recrudescimento da pobreza e o aumento das ações hostis aos moradores de rua, vindas de pessoas e instituições tanto privadas quanto públicas, Pe. Lancellotti tomou uma iniciativa original. Começou uma série de postagens em redes sociais que ajudaram a disseminar o termo aporofobia e trouxeram ao debate atos concretos de hostilidade e agressividade contra os pobres no espaço urbano, como colocar cercas, pedras ou objetos pontiaguados sob viadutos, marquises, locais que possam servir de abrigo ou edifícios (mesmo igrejas), com a intenção de impedir a presença de moradores de rua, bem como as orientações do poder público em diversas cidades no sentido de não dar esmolas. Seu gesto simbólico mais conhecido e significativo foi quebrar, a marretadas, os paralelepípedos postos sob viadutos na Zona Leste de São Paulo. Pe. Lancellotti tem feito ver como as instituições públicas preferem criminalizar as pessoas em situação de rua a oferecer-lhes uma vida digna. Não combatem a pobreza; ao contrário disso, criminalizam os pobres, num ato de cinismo. A denúncia da aporofobia e a ação positiva do Pe. Lancellotti em favor dos descartados da sociedade captaram a atenção da mídia impressa (CARVALHO, 2021, p. 15) e virtual (PEREIRA, 2021, on line). Embora a hostilidade aos pobres seja histórica em nosso país, estampá-la nas redes

---

<sup>2</sup> Preparando o presente trabalho, deparei que a ABL utilizou frase desse artigo como “Exemplo de uso” da palavra “aporofobia”.

sociais fez ressoar profeticamente a pergunta de que lado as igrejas e os cristãos desejam estar.

## **Aporofobia: nomear para visibilizar uma dinâmica social injusta**

Um dos méritos da reflexão de Adela Cortina, em seu estudo sobre a “aporofobia”, é ajudar a entender como funciona a dinâmica social de exclusão e rejeição dos pobres. A aporofobia, diz ela, é o rechaço, aversão, temor e desprezo em relação ao *áporos* - pobre, sem recursos, aquele que nada tem a retribuir no contrato político, econômico e social. Trata-se de uma patologia social, um atentado diário, invisível e até então inominado. A ideologia, observa Cortina, “é tanto mais efetiva quanto mais silenciosa, porque não é possível sequer denunciá-la” (CORTINA, 2018, p. 18, T.A.). Mas é preciso dar nome às coisas para reconhecê-las e combatê-las. Nomear é uma forma de recriar uma realidade.

Na gênese do termo está uma percepção, por parte da autora, sobre a xenofobia. Os estrangeiros portadores de recursos econômicos são tratados com menos discriminação e mesmo com admiração, curiosidade e naturalidade. São turistas! Mas os estrangeiros pobres sofrem evidente discriminação. Isto mostra, diz ela, que muito mais que o fato de ser estrangeiro, a causa da xenofobia é o fato de ser pobre. Mesclada com as outras fobias, é a mais invisibilizada e talvez a mais importante. Acontece inclusive com relação aos pobres de uma mesma família.

O desconcertante é que a aporofobia, como as demais fobias: tais como o racismo, a misoginia, a xenofobia, a homofobia e outras, - acontecem contra estranhos que não nos fizeram nada pessoalmente. Normalmente são desconhecidos. O importante é que estas rejeições são sustentadas por pressupostos aceitos por um grupo social de maior poder, voz e decisão na sociedade. As fobias grupais pressupõem uma assimetria social, a superioridade de alguns sobre outros. E o cérebro realiza interpretações tranquilizadoras, ideológicas, que se conformam a este pensar.

Cortina nos ajuda a visibilizar, com o termo aporofobia, a extensão da marginalização, e conseqüente ruptura de vínculos humanos sofrida pela

maioria da humanidade, que vive na pobreza e extrema pobreza, pelo fato de serem pobres.

No denso livro *Aporofobia*, ainda duas ideias da autora podem iluminar nossa compreensão da realidade marcada pela aporofobia: a dinâmica dos discursos de ódio e a orientação da proposta ética de superação desta rejeição aos pobres.

## O discurso de ódio que desqualifica e mata

Em tempos de crise, diz a autora, o discurso e o delito do ódio obtêm particular êxito. As instituições e políticas públicas falham em sua capacidade de distribuir riqueza, promover educação e saúde de qualidade, defender direitos ou a própria vida; quem tem o poder não tem nada de positivo para oferecer à sociedade. Por isso é preciso buscar bodes expiatórios para acusar. Atacam e hostilizam um falso culpado. A concentração de renda, a preferência de muitos cidadãos por governos liberais com tendências totalitárias e nacionalismos fechados convivem com enorme agressividade com relação aos pobres, negros, migrantes e movimentos sociais, com descarte programático dos que não se adaptam à forma de desenvolvimento proposta.

Para falar sobre os discursos e delitos de ódio, Cortina se utiliza da fábula do lobo e do cordeiro, de la Fontaine.<sup>3</sup> Nesta fábula é apresentado o seguinte “diálogo” que parte do lobo. Colocamos a palavra entre aspas, pois a assimetria, que não pode haver no verdadeiro diálogo, é evidente, como vemos a seguir:

- ...Sei que falaste mal de mim no ano passado.
- Como posso ter falado se não havia nascido? Disse o cordeiro. Ainda mamou em minha mãe.
- Se não foste tu, foi o teu irmão.
- Não tenho.
- Pois foi um dos seus. Porque não me deixais tranquilo, vós, vossos pastores e vossos cães (CORTINA, 2018, p. 34).

---

<sup>3</sup> A autora remete a A. Glucksmann, André. El discurso del ódio. Taurus, Madrid, 2005.

O lobo, apesar da argumentação do cordeiro, toma uma decisão:

- Me disseram: tenho que me vingar.

Então, ali acima, no fundo dos bosques, o lobo levou o cordeiro, e em seguida o comeu.

Sem mais questionamentos que esse (CORTINA, 2018, p. 34).

A fábula pressupõe uma série de elementos que podem muito bem caracterizar os discursos e delitos de ódio. Cortina identifica cinco (2018, p. 34-39).

1. A vítima não é selecionada por sua identidade pessoal, mas por pertencer a um coletivo.

2. O coletivo é estigmatizado de forma que a ele são atribuídos atos prejudiciais à sociedade. Mesmo que não se possa comprovar, há uma história remota, rumores, um ouvir falar, um caso acontecido há muito tempo (uma fake news)...

3. O coletivo se transforma em alvo do ódio. Mas, como a incitação ao desprezo é difícil de ser socialmente justificada, o grupo que incita ao ódio racionaliza o desprezo, formando argumentos, tais como o de que o coletivo vai tirar o posto de trabalho das pessoas locais, ocupar o lugar de alguém na universidade; que o meio-ambiente será comprometido; que o nível de reflexão em alguma área terá menor qualidade; que a segurança familiar estará em risco etc.

4. Quem incita ao ódio está convencido de uma desigualdade estrutural e crê que sua posição é superior à do agredido e a do agredido é inferior. Assim, a vítima é obrigada a ver-se a si mesma como inferior e subordinada. Há uma verdadeira convicção de hierarquia. Eliminam-se possíveis competidores, mas não demonstrando sua falta de competência. A tática é desacreditar o outro. Não há relação de igualdade e não existe reconhecimento da igual dignidade do agredido. O agressor trata a vítima como meio, não como um fim; um objeto, não um sujeito a ser tomado em conta. Retirando-lhe a intersubjetividade, é-lhe retirada a própria humanidade.

5. Há pouca argumentação. O importante não é dar argumentos, mas expressar desprezo e incitar os outros a compartilharem deste desprezo.

Diante destas características do delito de ódio, será sempre necessária a cooperação entre Estado e sociedade civil para uma superação da aporobia. Não se trata apenas de uma atitude pessoal, mas coletiva, sustentada por capacidade de influência política e social.

Observando o pensamento discorrido até o momento, não é difícil perceber a lógica do discurso do ódio com relação aos pobres, o que não exclui outros coletivos igualmente vítimas do ódio. Os discursos racista, misógino, homofóbico e xenófobo são, da mesma forma, anti-argumentativos e partem de um princípio de superioridade do grupo que deseja desacreditar, desqualificar e destruir o outro. Observemos também como, na parábola, o incômodo do lobo não se circunscreve ao cordeiro, mas se estende aos que o guardam e defendem, “vós, vossos pastores e vossos cães”. Nesta lógica, fica claro perceber a constelação do ódio que atinge também as pessoas e instituições que se colocam ao lado do coletivo que é vítima da hostilidade. Observemos ainda como o diálogo entre o “lobo” e o “cordeiro” não é verdadeiro diálogo entre sujeitos. As palavras da parte mais fraca do pretense diálogo não são ouvidas verdadeiramente, não são levadas em conta. O “cordeiro” não é um sujeito mas objeto do pretense diálogo. A parte mais forte do conflito “devora” o mais fraco sem mais questionamentos, quando lhe convém.

Assim sendo, os discursos de ódio ao mesmo tempo revelam e fortalecem o rompimento dos vínculos humanos (intersubjetividade) e sociais. Agridem os direitos das vítimas do discurso e comprometem a dignidade de quem os faz. Se não são denunciados e coibidos, ampliam a agressividade social em direção aos coletivos vítimas e favorecem a impunidade dos delitos realizados.

## **A necessidade de alimentar, permanentemente, discursos e práticas de justiça**

Em sua obra, nossa autora aprofunda em outro assunto que nos afeta a todos no nível ético (CORTINA, 2018, p. 66-67). Trata-se do abismo entre a moral pensada, escrita e declarada, e a moral vivida. Por um lado, analisa a autora, há um avanço da moral pensada, descrita nas declarações, nos programas escolares, presente nas instituições e na consciência social. Há uma aposta nos DDHH, nos valores democráticos, nos cuidados da natureza. Ampliam-se os círculos de direitos. Essa moral é universalista e inclusiva, pois considera justo o que favorece a todos.

O problema é que há também uma moral vivida, presente no juízo e nas atuações pessoais, que tende a ser regida por uma mentalidade egoísta e comunitarista, segundo a qual é justo o que favorece o indivíduo ou o grupo restrito ao que ele pertence. O indivíduo ou grupo se afirmam contra ou apesar dos “outros”. Essa moral está presente na vida cotidiana e prevalece como tendência social, especialmente em tempos de crise. Assim, as declarações e as realizações diárias estão muito distantes umas das outras. (CORTINA, 2018, p. 65)

A própria autora observa que este abismo entre a moral declarada publicamente e a vivida nas atuações pessoais foi refletido em perspectiva teológica em termos de “pecado original” (CORTINA, 2018, p. 66). De fato, a teologia afirma uma impossibilidade real, radicada no fundo do sujeito, de atuar sempre segundo um projeto de vida para todos - “que todos tenham vida” (Jo 10,10). Biblicamente, o Reino de Deus só pode ser acolhido como dom, fruto da abertura à graça de Deus (Mt 6,10).

A distância entre discursos e realizações é um argumento a favor da importância de manter as declarações públicas por justiça e direitos, embora desprezadas por grupos ameaçados em seus privilégios. Discursos não são neutros. Há favorecimento social e econômico de pequenos grupos já privilegiados quando é enfraquecida a consciência que universaliza direitos. Desqualificados os discursos que promovem justiça social, a meritocracia torna-se a ideologia mediadora para obtenção de trabalho e direitos, discursos de ódio são facilitados, métodos e conteúdos excludentes nas propostas

educativas são adotados. Tudo isso compromete o sentido de gratuidade e justiça, reforça os interesses mais egoístas das pessoas e grupos, aprofundando assim a ruptura dos vínculos com os que são socialmente mais fracos. Em sentido contrário, manter a moral universalista nas declarações, nas leis, nas propostas educativas em todos os níveis e nas instituições é fazer frente permanente à acomodação nos interesses pessoais e grupais, à assimetria social e ao enriquecimento de alguns. Expor a injustiça sempre vale a pena.

### **Reconhecimento e compaixão: atitudes éticas essenciais no combate à aporofobia**

Entrando no estudo da estrutura humana, em evolução biossocial, Cortina aprofunda no quanto a atitude do “nós” contra “eles” foi sendo selecionada como código de conduta social. É anterior ao sedentarismo e à cultura grega da casa - *oikós*. Está incorporada ao código cultural que nasce com o *homo sapiens*. Cortina mostra como a humanidade nasce não como átomos ou indivíduos isolados, mas em relação e em vínculo. Culturalmente, a cooperação se mostrou mais eficaz que o egoísmo na sobrevivência. Porém, a solidariedade se deu majoritariamente como solidariedade com os próximos e como defesa diante dos que vinham de fora. Paulatinamente, os grupos praticaram a cooperação e o intercâmbio com os que podiam obter algo em troca, formando o “nós” do benefício mútuo. Formaram uma sociedade contratualista.

O problema é que essa cooperação exclui os *áporoi* - os que não trazem vantagem no jogo das trocas e intercâmbios. Essa seria uma raiz estrutural que complexifica a convivência com os “sem poder” (CORTINA, 2018, p. 80), como o enfermo mental, os sem função, os sem amigos bem situados, os que não podem devolver favores, postos de trabalho, dinheiro, votos, apoio para ganhar eleições, honras e presentes que satisfazem a vaidade. Este é o drama: mesmo que o contexto atual tenha mudado substancialmente em comparação com as sociedades originárias (caçadores-coletores), há uma desafiadora permanência da moral dos grupos de benefício mútuo. Mas essa tendência pode ser mudada pela educação e por instituições capazes de criar

democracias inclusivas e de eliminar a pobreza. Um progresso moral em direção à justiça é construído culturalmente em cada pessoa, em conexão com os que a ajudam a viver sua vida.

Daí a importância do cultivo da “abertura ao outro, a qualquer outro, a partir do reconhecimento compassivo, que é a chave de uma hospitalidade universal” (CORTINA, 2018, p. 167), propõe A. Cortina. É preciso ir além do egoísmo e do afã de cooperar com os amigos, ou de cooperar com os que podem dar algo em troca.

O caminho será em direção ao reconhecimento recíproco da dignidade (não do preço) de todos e todas e à compaixão que rompe barreiras. São essas experiências humanizadoras por excelência. Delas brota uma exigência ética incondicionada, solidariedade com as pessoas mais vulneráveis - em períodos históricos distintos umas precisam de mais ajuda que outras para manter a vida e com boa qualidade. Concretamente, o empoderamento social, a defesa das bases de autoestima e o tratamento dos pobres como interlocutores válidos são essenciais, mediados por instituições jurídicas e políticas. Mas esse reconhecimento não é apenas da dignidade do outro. É mais profundo, pois é também reconhecimento de que “nossas vidas estão originariamente vinculadas” (CORTINA, 2018, p. 168) e, por isso, há espaço para a gratuidade e para o acolhimento neste mundo.

A educação do século XXI, finaliza a autora, deveria formar pessoas de seu tempo, abertas ao mundo, sensíveis ao sofrimento, ao drama da pobreza extrema, da fome, das mortes prematuras, das doenças sem atenção. “Cidadãos compassivos, capazes de assumir a perspectiva dos que sofrem mas, sobretudo, de comprometer-se com eles” (CORTINA, 2018, p. 168).

## **Papa Francisco: o vínculo com os pobres como espiritualidade ecossocial e política**

O tema da aporofobia provoca debates e pode ser associado a vários outros que também são caros à proposta cristã e já bastante aprofundados no continente latino-americano, como a opção pelos pobres, a hospitalidade, a Igreja dos pobres etc. No espaço deste artigo, gostaríamos apenas de ressaltar

o chamado do papa Francisco *a construir e refazer vínculos com os pobres*, como exigência espiritual e urgência política para uma nova humanidade.

### **Um verdadeiro cisma**

O refazimento dos vínculos será possível se for reconhecido o que é descrito na Encíclica *Fratelli Tutti* como um verdadeiro “cisma” (FRANCISCO, FT n. 31) das nossas sociedades globalizadas e economicamente marcadas pelo neoliberalismo. Trata-se da ruptura entre o indivíduo e a comunidade humana, dificultando e impedindo que haja projetos comuns, enquanto se assiste à “globalização da indiferença” (FRANCISCO, EG n. 54). Nesta comunidade sem coração, os pobres situam-se longe do raio de alcance dos projetos de desenvolvimento, enquanto cresce a pobreza e o descarte de pessoas.

### **Cidades divididas**

O rompimento de vínculo afetivo e político-social com os pobres, especialmente nas cidades, observado com detalhes por Francisco na Encíclica *Laudato si'*. O vínculo rompido é também ecológico. Ali, o papa ressalta como o espaço urbano é palco de situações de verdadeiro caos. Faltam moradias, as populações pobres são removidas e expulsas de seus habitats originais pelos poderes públicos para uma falsa urbanização, para empreendimentos ou para a especulação imobiliária (FRANCISCO, LS n. 152). Edifícios populares sem elevadores penalizam idosos e enfermos. Há excesso de cimento, asfalto, vidro, metais, sem contato físico com a natureza (FRANCISCO, LS n. 44). Os meios públicos de transporte são, em geral, superlotados, desconfortáveis, quentes ou excessivamente frios, inseguros (FRANCISCO, LS n. 153). Para aqueles que são portadores de alguma deficiência física, a situação se agrava. Os habitantes levam muitas vezes uma vida caótica nas cidades (FRANCISCO, LS n. 154). Aqueles que vêm da zona rural são abandonados, perdem vínculos familiares, religiosos e a riqueza de suas histórias. Quando se pensa em cidades nas regiões amazônicas, o drama se agrava com relação às populações indígenas, que veem desintegrar sua cultura e o contato com a floresta (FRANCISCO, QA n. 21). Nas cidades, vê-se claramente como a forma do

crescimento econômico a partir da revolução industrial não significou verdadeiro progresso e nem melhoria da qualidade de vida. Ao contrário, significou “degradação social, silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social” (FRANCISCO, LS n. 46). Não se consegue uma estabilidade no trabalho, duradoura e consistente; ao contrário, uma insegurança existencial atinge a maioria dos trabalhadores. Assiste-se um aumento da violência e ao recrudescimento de formas de agressividade social, como o feminicídio, o racismo (e a aporofobia). O narcotráfico e as milícias nas cidades dominam favelas e bairros populares inteiros. Vê-se o consumo crescente de drogas entre os mais jovens. Há perda da identidade, de laços religiosos, de laços familiares.

Na degradação ambiental, os efeitos recaem pesadamente sobre os pobres. A poluição das águas, por exemplo, afeta quem não pode comprar água engarrafada. Há morte prematura dos pobres com problemas da poluição dos ares, dos mares, da água dos rios. (FRANCISCO, LS n. 48). Apesar de os pobres serem a maioria no planeta e nas cidades, seus problemas são considerados “apêndices” ou “danos colaterais” nos debates políticos e econômicos internacionais e nas políticas públicas locais. Ficam em último lugar na implementação de decisões. Os profissionais do planejamento não trabalham em contato direto com eles; falta contato físico. O “verde” e a beleza estão separados da justiça. (FRANCISCO, LS n. 49)

### **Reconstruir vínculos de humanidade**

Para os cristãos, o reconhecimento dos pobres passa pela capacidade de, no dia a dia, alargar o círculo em direção àqueles aos quais não se sente “espontaneamente [...] como parte do meu mundo de interesses” (FRANCISCO, FT n. 97), embora estejam perto. Nessa expansão, é possível reconhecer xenofobias e racismos (e aporofobias) dissimulados com quem está próximo. A progressiva abertura é própria do amor, “numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença”, diz Francisco (FRANCISCO, FT n. 95). O papa faz ver que “o sentido político do amor não é mais que uma dimensão de seu sentido teológico, um dinamismo de abertura que conduz para o outro” (PASSOS,

2021, p. 793). Abre-se, assim, a possibilidade de uma “amizade social” (FRANCISCO, FT n. 99) inclusiva.

Os vínculos podem ser reconstruídos pelo reconhecimento do rosto concreto dos pobres e pela responsabilidade da opção preferencial pelos pobres: “ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social” (FRANCISCO, EG n. 201). Será preciso ter olhos para ver e sensibilidade para reconhecer a precariedade da vida para a maioria da comunidade humana, a massa de excluídos e sobrantes que lutam para sobreviver (FRANCISCO, EG n. 52 e 53). Essa luta contrasta com a “indiferença acomodada, fria e globalizada” (FRANCISCO, FT n. 30) e com uma cultura do bem-estar anestesiante, que privilegia os que são “considerados humanos” e descarta os “menos humanos” (FRANCISCO, FT n. 39). Assim, a opção pelos pobres é um caminho espiritual que atinge as profundezas das motivações humanas e a prática concreta do caminhar de fé. Ela constrói vínculos de humanidade.

A fé ajuda a “fazer ressurgir nossa vocação de cidadãos, (...) construtores de um novo vínculo social”. Ilumina a formação de uma cultura nova, em que seja concretizado o “amor político” e construída a “amizade social”. A força do Evangelho, como a que emana da parábola do samaritano (Lc 10,25ss), “manifesta a opção fundamental que devemos fazer para reconstruir nosso mundo ferido”. (FRANCISCO, FT n. 66. 67)

O refazimento dos vínculos de humanidade, pelo qual os considerados “menos humanos” tornam-se humanos, não permite pensar o bem comum e a dignidade humana de forma abstrata. Diante da injustiça socioambiental e econômica e diante das convicções de fé, o discernimento das ações para o bem comum leva, de forma inevitável, à solidariedade e à opção preferencial pelos pobres.

Nas condições atuais da sociedade mundial (...) o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. (FRANCISCO. LS n. 158)

O projeto vigoroso de Francisco conforma um guia pedagógico e de espiritualidade política e social, vinculada à experiência pessoal de Deus.

Pedagogicamente, é possível traçar um itinerário da opção pelos pobres, que passa por uma “proximidade física dos pobres e o esforço por socorrê-los em suas necessidades imediatas”, pelo “*cuidado espiritual com os pobres*” em sua especial abertura à fé, pela “vivência e o fortalecimento de uma cultura da solidariedade” e pelo “enfrentamento das causas estruturais da pobreza e da injustiça no mundo” (AQUINO JR, 2016, p. 647-650). Uma espiritualidade da fraternidade e da gratuidade inclui a busca dos mecanismos sociais e políticos, locais e mesmo mundiais, uma “organização mundial mais eficiente para ajudar a resolver os problemas prementes dos abandonados que sofrem e morrem nos países pobres” (FRANCISCO, *Fratelli tutti*, n. 167). Ela une as convicções pessoais à construção dos caminhos concretos de compromisso, do amor político e social (FRANCISCO, LS n. 228-232).

Na Exortação sobre a santidade, Francisco comenta a bem-aventurança *Felizes os que choram: eles serão consolados* (Mt 5,5). Ela remete a uma profunda compaixão e solidariedade:

a pessoa que, vendo as coisas como realmente estão, se deixa trespassar pela aflição e chora no seu coração, é capaz de alcançar as profundezas da vida e ser autenticamente feliz. Esta pessoa é consolada, com a consolação de Jesus. Assim, tem coração de compartilhar o sofrimento alheio, e deixa de fugir das situações dolorosas. Desta forma, descobre que a vida tem sentido socorrendo o outro na sua aflição, compreendo a angústia alheia... sente que o outro é carne da sua carne,..., compadece-se até sentir que as distâncias são superadas. (FRANCISCO, GeE n. 76)

A cura dos vínculos de humanidade começa pelos pobres. Implica envolver-se na compaixão e abrir-se a uma fraternidade universal: expandir os círculos do amor, descobrir o mutuo pertencimento humano, sentir que o outro é carne da sua carne, construir amizade social. É necessário reconhecer os considerados “menos humanos” como humanos. Em algum momento da vida, afirma o papa, é preciso “dar-se conta de quanto vale um ser humano” (FRANCISCO, FT n. 106).

## Considerações finais

Cortina, com seu pensamento original sobre a aporofobia, tem provocado debates, reações e articulações locais sobre o tema da rejeição aos pobres. Sua defesa da lógica cordial e compassiva, e consequente reconhecimento de vínculos originais na humanidade, pode ajudar na atualização da opção pelos pobres. A espiritualidade cristã tem muito a contribuir nesse debate, especialmente no atual pontificado de Francisco. Buscar lógicas de existência que se contraponham à lógica de exclusão e de morte dos pobres é responder a um dos principais desafios das igrejas e da humanidade. Trata-se de uma agenda de espiritualidade e amor - também amor social e político. Trata-se de uma lógica de amizade social que pensa o cosmos e a humanidade em termos de vínculos recíprocos, reconhecimento, pertencimento mútuo, não de assimetria e dominação. Os vínculos de humanidade afirmam que somos todos humanos sendo todos irmãos e irmãs.

A lógica que vincula atinge também a lógica do conhecimento próprio e do desenvolvimento de subjetividades despertas para os outros. Para Santa Teresa, o autoconhecimento é o “pão com que todos os manjares devem ser comidos” (SANTA TERESA DE JESUS, 1995, *Livro da Vida* cap. 13,15, p. 90). Sem este autoconhecimento, como descobrir a “trave” do próprio olho (cf. Lc 6, 41-42), que impede de ver a hipocrisia pessoal, ou mesmo institucional e social, que gera tanto sofrimento? Vive-se hoje demasiadamente comprometidos com o próprio ego, assoberbados por culpas, movidos por interesses egoístas e comunitaristas. A aporofobia se mostra presente em cada pessoa e é necessária uma verdadeira conversão. Essa mudança nasce do rosto do outro que interpela, do amor e da graça de Deus possibilita seres humanos-com, inter-humanos. Daí a necessidade de instituições, movimentos sociais e contextos que promovam esse reconhecimento, rejeitem discursos de ódio, garantam o direito e promovam o dever da justiça, eliminando a pobreza.

A atuação do Pe. Júlio Lancellotti, descrita na primeira parte deste artigo, leva a reconhecer as dificuldades concretas dos pobres e descartados, especialmente no mundo urbano. Com o seu testemunho, a realidade da aporofobia e o seu combate vêm tomando um rosto concreto, para além do

conceito. Seu recente livro nos dá uma chave da espiritualidade de quem permanece ao lado de quem perde, numa dinâmica de amor vinculante que é, ao final, vitória, na perspectiva do Ressuscitado. A lógica do amor gratuito inclui se entregar e saber perder:

Jesus enfrentou os desafios do amor, por isso passou pela morte. Ele amou os que perdem e perdeu com eles. Foi insultado com eles. Se sua aliança fosse com os que ganham, ele não teria morrido. Mas Jesus é um Salvador amoroso, e não um Salvador poderoso. Quem ama, não morre jamais, pois o amor nos faz imortais. Por isso, Jesus ressuscitou: porque amou. (LANCELLOTTI, 2021, p. 129. *Itálico do autor do livro*)

## Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Novas Palavras. Aporofobia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/aporofobia>. Acesso em 25/03/2022.

AQUINO JUNIOR, F. “Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral. *Pistis & Praxis.*, Curitiba, v. 8, n. 3, 631-657, set./dez. 2016.

BÍBLIA. *Tradução Ecumênica da Bíblia*. (TEB). São Paulo: Paulinas/ São Paulo: Loyola, 1995.

CANTINI, L. O que é "aporofobia"? Uma reflexão útil e atual, *IHU Adital*, 12/07/2018. Disponível em: [O que é "aporofobia"? Uma reflexão útil e atual - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#). Acesso em 25/03/22.

CARVALHO, Cleide. Aporofobia: depois do preconceito, o ódio aos pobres. *Jornal O Globo*, 12/12/21, p. 15.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. “E a Palavra habitou entre nós” (Jo 1,14): animação bíblica da pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: CNBB, 2021. (Estudos da CNBB, 114).

CORTINA, Adela. *Aporofobia, el rechazo al pobre*. Un desafío para la democracia. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1ª ed. 2017, 2ª reimpr. 2018.

CORTINA, Adela. *Aporofobia. A aversão ao pobre*. Um desafio para a democracia. São Paulo: Contracorrente/IREE, 2020.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Brasília: CNBB, 2013.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. Sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Querida Amazônia*. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.

GASDA, E. Aporofobia: Quero que pobre se exploda. *Dom Total*, 14/06/2018. Disponível em [Aporofobia: 'Quero que pobre se exploda' \(domtotal.com\)](https://www.domtotal.com). Acesso em 25/03/2022.

LANCELLOTTI, J. *Amor à maneira de Deus*. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2021.

MOL GUIMARÃES, J.G. Viu, “compaixonou” e cuidou dele. Por uma teologia da prevenção. In: TRASFERETTI, J.A.; COELHO, M.M.; ZACHARIAS, R. (orgs.). *Teologia da prevenção*. Por um caminho de humanização. São Paulo: Paulus, 2021, p. 5-11.

PASSOS, J. D. Fratelli tutti: uma Encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 782-801, maio/ago.2021.

PEDROSA-PÁDUA, L. A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia: reflexões antropológicas para uma atualização da opção de Puebla. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (on line), Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1479-1502, dez. 2019.

PEDROSA-PÁDUA, L. Da indiferença e da aporofobia à hospitalidade: uma reflexão antropológica diante da crise migratória. *Revista Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 5-25, jan./abr. 2020.

PEREIRA, T. Padre Júlio vai às ruas contra a ‘aporofobia’: a aversão aos pobres. *RBA*, 11/12/2021. Disponível em [Padre Júlio vai às ruas contra a 'aporofobia': a aversão aos pobres - Rede Brasil Atual](https://www.redebrasilatual.com.br). Acesso em 25/03/2022.

SANTA TERESA DE JESUS. Livro da Vida. In: *Obras Completas*. (Coord. Frei Patricio Sciadini; trad. texto estabelecido por T. Álvarez). São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995, p. 19-291.

WISNIEWSKI, E. Aporofobia: abordagem de um problema social. In: *Vida Pastoral*, ano 63, n. 345, mai./jun. 2022, p. 28-35.

Trabalho submetido em 07/04/2022.

Aceito em 04/06/2022.

Lúcia Pedrosa-Pádua

Doutora em Teologia Sistemático-pastoral (PUC-Rio, Bolsa CAPES em Salamanca- Centro Internacional de Estudos Teresiano-Sanjuanistas de Ávila - CITeS - Espanha), graduada em Teologia pela FAJE e em Economia pela UFMG. Atua como professora e pesquisadora no Depto de Teologia da PUC-Rio nas áreas de Mística, Antropologia Teológica e Mariologia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0383-7677>. Email: [luciapedrosa@terra.com.br](mailto:luciapedrosa@terra.com.br)